**TRAÇOS DA IDENTIDADE DOS REMANESCENTES QUILOMBOLAS DE PORTALEGRE DO BRASIL**

Josinaldo Pereira de Paula

Doutorando do PPGL/UERN

[naldo.portalegre@gmail.com](mailto:naldo.portalegre@gmail.com)

José Max Santana

Mestrando do PPGL/UERN

[maxsan\_15@hotmail.com](mailto:maxsan_15@hotmail.com)

Francisca Damiana Formiga Pereira

Doutoranda do PPGL/UERN

[nara\_deus@yahoo.com.br](mailto:nara_deus@yahoo.com.br)

**RESUMO:** O objetivo deste trabalho é investigar traços da identidade dos remanescentes quilombolas da cidade de Portalegre RN no *e-book* “A fala de remanescentes quilombolas de Portalegre do Brasil”, organizado por Souza, Mendes e Fonseca (2011). Nesta obra, são transcritos seis inquéritos de fala em eventos reais de comunicação entre um entrevistador e moradores das comunidades, ela é resultado de uma pesquisa realizada pelo Núcleo de Estudos Linguísticos e Literários de Pau dos Ferros (NELLP), do Departamento de Letras, do *Campus* Avançado “Profa. Maria Elisa de Albuquerque Maia” (CAMEAM), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Por meio da leitura do *corpus,* recortamostrechos que tematizam a religião, o mito e a escravidão na formação da identidade dos remanescentes quilombolas. Compreendemos que a identidade que constitui o sujeito depende do contexto social, no qual ele está inserido. O aporte teórico deste trabalho tem respaldo em Foucault (2003), Pêcheux (1997), Mazzola (2009), Silva (2008) e Hall (1998). Em nossas análises concluímos que a religião é forte na formação da identidade dos remanescentes, pois estão inseridos em um forte contexto cristão católico. Percebemos que o mito influencia na identidade como escape para a situação social em que vivem. Por fim, observamos que esses sujeitos tentam apagar a identidade de remanescentes quilombolas dos seus discursos, pois sentem medo de ainda serem caçados e colocados novamente em regime de escravidão.

**Palavras-chave:** Identidade. Análise do Discurso. Fala. Remanescentes Quilombolas.

**1 INTRODUÇÃO**

A identidade é algo que nos interpela, nos cruzam e nos constituem. Essa formação ocorre devido ao contexto histórico social, no qual estamos inseridos, pois somos influenciados e, assim, construímos a nossa identidade.

O objetivo, nesse texto, é apresentar alguns traços da identidade dos sujeitos descendentes de quilombolas que residem em comunidades rurais da cidade de Portalegre/RN, onde, no período da escravidão, foi um Quilombo, no qual os escravos fugidos se reuniam e de lá faziam resistência ao regime escravocrata da época, se tornando uma vila, acolhendo a todos os negros que conseguiam escapar tornando-os cada vez mais fortes.

A análise destes traços de identidade no discurso desses sujeitos será feita usando como *Corpus* o *e-book* “A fala de remanescentes quilombolas de Portalegre do Brasil”, organizado por Souza, Mendes e Fonseca (2011), no qual são transcritos seis inquéritos de fala em eventos reais de comunicação entre um entrevistador e moradores da comunidade.

Este *corpus* escolhidoé o resultado de uma pesquisa realizada pelo Núcleo de Estudos Linguísticos e Literários de Pau dos Ferros (NELLP), do Departamento de Letras, do *Campus* Avançado “Profa. Maria Elisa de Albuquerque Maia” (CAMEAM), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte/UERN.

Nos discursos, temos conversas informais entre entrevistados e entrevistador, nos quais os entrevistados contam fatos do dia-a-dia, anedotas ligadas a lendas que ainda prevalece vivas na memorias dos falantes dessas comunidades, como também a expressão da sua fé, através da devoção aos santos, e suas posições sobre politica, casamento, namoro, vida social, rural, urbana entre outros.

Como fundamentação teórica temos Foucault (2003), Pêcheux (1997), Mazzola (2009), Silva (2008) e Hall (1998).

Nosso trabalho está dividido em três partes, além da introdução, temos a discussão sobre o percurso teórico da análise do discurso e alguns apontamentos em relação aos conceitos de identidade. Em seguida, temos análise dos dados que tratam sobre os traços de identidade dos remanescentes quilombolas de Portalegre RN, no que se refere a religião e a identidade enquanto quilombolas. Por fim, nossas conclusões, em que retomamos nossos objetivos e apontamos nossos resultados e conclusões de nossa pesquisa.

**2 PERCURSO TEÓRICO DA ANÁLISE DO DISCURSO**

A teoria da Análise do Discurso (AD) surge na França, no fim da década de 60, em um momento de tensão política e teórica, quando estudantes e trabalhadores faziam manifestações nas ruas contra a rigidez do sistema educacional da época, e em uma conjuntura de superação do estruturalismo saussuriano (MAZZOLA 2009). A AD surge para estudar o discurso como efeito de sentido entre os sujeitos discursivos (PÊCHEUX, 1997).

Assim, percebeu-se que os estudos da linguagem não podiam simplesmente estudar o sistema linguístico, mas também deveria considerar o sujeito, os elementos sócio-históricos e culturais do discurso, em suas condições de produção.

Dessa forma, a AD passou por três períodos distintos em que seus estudos foram sendo reformulados para dar conta das contribuições que esta disciplina poderia oferecer à área da linguística. Segundo Mazzola (2009 p.11), “Michel Pêcheux, Michel Foucault e Mikhail Bakhtin relacionam-se com os três momentos da Análise do Discurso”. Inicialmente, ocorre um diálogo de Pêcheux e Althusser, o primeiro com estudos filosóficos e envolvidos em debates marxistas, o segundo, com os estudos dos aparelhos ideológicos. Neste primeiro momento, inaugura-se a disciplina, logo após esse debate se expande em um segundo momento com Foucault sobre as formações discursivas, e em um terceiro momento com os estudos da heterogeneidade do discurso.

A AD nasce num entrecruzamento da Linguística, do Materialismo histórico e da Psicanálise. Os estudos marxistas são importantes para entender a ideologia e o sujeito, pois as ideologias eram construídas por meio do discurso. Nesse sentido, Mazzola (2009 p.9) afirma que “a **linguagem** se manifesta como lugar privilegiado em que se materializa a **ideologia.** A linguagem se firmava, para Louis Althusser, como via por meio da qual é possível depreender o funcionamento da ideologia” (grifo do autor).

A primeira fase da AD ocorreu em de 1969 a 1975, com lançamento do texto “Análise automática do Discurso” de Pêcheux. Período em que se analisava um *corpus* homogêneo, os discursos políticos em formações discursivas homogêneas. Para Pêcheux (1997 *apud* MAZZOLA 2009, p.11) “um processo de produção discursiva é concebido com uma máquina autodeterminada e fechada sobre si mesmo, de tal modo que um sujeito-estrutura determina os sujeitos como produtores de seus discursos”. O autor afirma que o sujeito não tinha seu próprio discurso, e sim que era um reprodutor de um discurso produzido pela maquinaria discursiva, assim era concebido como um interpelado pela ideologia, portanto um sujeito assujeitado à maquinaria discursiva.

A segunda fase, de 1975 a 1980, acontece com a publicação do artigo “Les vértices de la palice” de Pêcheux com Catherine Fuchs. Nesse segundo momento, ocorre um avanço nos estudos da AD com o conceito de Formação discursiva (FD) que para o autor.

determina o que pode ser dito (articulado sob a forma de uma herenga, um sermão, um panfleto, uma exposição um programa etc.) a partir de uma posição dada numa conjuntura, isto é, numa certa relação de lugares no interior de um aparelho ideológico, e inscrita numa relação de classes. (PÊCHEUX; FUCHS, 1997 *apud* MAZZOLA, 2009, p.13).

A formação discursiva é o espaço discursivo de em que o sujeito está situado. Neste período, segundo Mazzola (2009), os discursos que estão em uma FD se constituem independentes uns dos outros para serem colocados em relação. O sujeito tem a sua formação discursiva, mas ainda presa à maquinaria discursiva.

Na terceira fase da AD, destacam-se os pressupostos de Michel Foucault sobre as formações discursivas, os de Bakhtin sobre o dialogismo da linguagem, que trazem para o cenário do discurso a heterogeneidade. Dessa forma, os objetos de análises passam a ser de diferentes modalidades: verbais ou não verbais, discursos escritos e orais, do cotidiano ao formal. A categoria de análise como a interdiscursividade é focalizada nas materialidades para mostrar que os discursos são resultados do entrecruzamento de vários outros.

Dessa forma, apresentaremos alguns trechos dos textos desse *corpus* referentes a identidades especificas apresentadas nos discursos e, a partir desses trechos, faremos um diálogo com algumas considerações dos autores que discutem a identidade na Análise do Discurso de linha francesa e teceremos nossas considerações acerca da identidade desses sujeitos.

Assim, tentaremos a partir de tópicos sistematizar a discussão para que ocorra melhor compreensão do leitor. Portanto, as identidades aqui discutidas serão na seguinte sequencia: identidade religiosa e a identidade desses sujeitos enquanto ex-escravos e descendentes de quilombolas.

2.1 A IDENTIDADE PARA A ANÁLISE DO DISCURSO

A identidade na perspectiva da análise do discurso é algo que está fora do sujeito e o influencia a formar um modo de vida, crenças, costumes e comportamentos. Por exemplo, em relação à identidade brasileira, entendemos com (HALL, 1998, p.48) que “A identidade nacional não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da representação” (HALL, 1998, p. 48). A partir da informação disponibilizada pelo autor, entendemos como a formação da identidade é influenciada pelo contexto no qual os sujeitos estão inseridos. Esse contexto forma suas crenças, valores, comportamentos entre outros traços referentes à identidade deste sujeito.

No que se refere à noção de identidade, não podemos nos fixar na ideia de apenas uma identidade para cada sujeito, pois estamos inseridos em diversos contextos sociais diferentes. Nesta perspectiva, (HALL, 1998 *apud* MATTELART, 2004 p.104) afirma o seguinte:

Não podemos mais conceber o indivíduo em termos de um ego completo e monolítico ou de um si autônomo. A experiência do si é mais fragmentada, marcada pela incompletude, composta de múltiplos si, de múltiplas identidades ligadas aos diferentes mundos sociais em que nos situemos.

Com o autor, compreendemos que dependendo dos meios sociais em que convivemos somos formados por múltiplas identidades, uma vez que sempre estaremos sujeitos a nos inserirmos em diferentes contextos e sermos influenciado por uma nova forma de pensar, viver, se comportar. Essa forma de estarmos sempre acessíveis a novas influências dos meios são nomeada por (PÊCHEUX, 1997b, p. 265) como “um ajustamento sempre inacabado do sujeito consigo mesmo”. Essa incompletude citada pelo autor segue o sujeito por toda a vida, e este ser nunca será velho demais para ser interpelado por outra identidade referente a outro lugar sociocultural.

A identidade, em muitos casos, é uma forma na qual o sujeito busca dar sentido ao meio em que está inserido. É nesse sentido que Foucault (2003, p.230) afirma:

Os indivíduos, em sua vida cotidiana, não são apenas essas máquinas passivas para obedecer a aparelhos, registrar mensagens e reagir às estimulações exteriores, em que os quis transformar uma psicologia social sumária, reduzida a recolher opiniões e imagens. Pelo contrario, eles [os sujeitos] possuem o frescor da imaginação e o desejo de dar sentido à sociedade e ao universo que pertencem.

Dessa forma, em muitos dos casos, a identidade dos sujeitos são o resultado de uma tentativa de explicar o contexto social em que está inserido e, assim, podem ser através de mitos e lendas. A busca por mudança no contexto social e a acessão em determinada área social faz a identidade ter uma estreita relação com a ideia de poder. Isso é discutido por Silva (2008, p.81) quando coloca que:

Na disputa pela identidade está envolvida uma mais ampla por outros recursos simbólicos e materiais da sociedade. A afirmação pela identidade e enunciação da diferença traduzem o desejo dos diferentes grupos sociais, assimetricamente situados, de garantir o acesso privilegiado a bens sociais. A identidade e a diferença estão, pois, em estreita relação com o poder.

Assim, a identidade de um sujeito é influenciada pelo meio para através dele conseguir um determinado poder social ou material. Entenderemos mais sobre esse foco com os exemplos retirados do *corpus* e as nossas respectivas reflexões que começaremos a seguir.

**3 ALGUNS TRAÇOS DA IDENTIDADE DOS QUILOMBOLAS DE PORTALEGRE DO BRASIL**

Neste capítulo, apresentamos nossas reflexões acerca da identidade dos quilombolas. Com o entendimento que o meio é que influencia a construção da identidade do sujeito discursivo. Nas nossas análises, seguimos a seguinte sequência: primeiro apresentaremos aspectos que apontam a identidade religiosa e a sua identidade de descendente de ex-escravos quilombolas.

Nossas análises estão fundamentadas na leitura de trechos retirados do *corpus* e expostos para a visualização. O texto do *corpus* está organizado em linhas e sistematizado de forma que o leitor possa identificar quem está falando em determinado turno. Para isso, temos o “E”, que situa a fala do entrevistador, e os entrevistados são identificados por “H” para homem e “M” para mulher, seguido de suas respectivas idades, por exemplo, “H84”, indica a fala de um home de oitenta e quatro anos e “M81”, que indica uma mulher de oitenta e um anos.

A seguir a seção que trata sobre a identidade religiosa dos remanescentes quilombolas.

3.1 IDENTIDADE RELIGIOSA DOS QUILOMBOLAS

No primeiro trecho, temos um diálogo entre o entrevistador e duas senhoras, uma com cinquenta anos e outra com cinquenta e seis, na própria casa das senhoras. O diálogo é sobre religião.

Vejamos o exemplo:

|  |
| --- |
| M50: De onde Deíza trôxe esse daí.  E: E de onde foi?  M50: Foi do Juazêro...  E: Ai você vai para o Juazeiro quando?  M50: É im Janêro que o povo vai...  E: E o povo vai lá ver o quê?  M50: Né rezá?  E: Quem é o santo de lá?  M50: Pade Ciçu...  (...)  E: E tem o Canindé também?  M50: Num tẽi não?  E: E eu sei?  M50: Tu já foi no Canindé fazeno romaria... fazeno romaria no Canindé... ói... o Canindé/ lá no Canindé... a gente reza im todo canto... todos os ano nóis vamo... todos os anos...  (...)  M50: Todos os ano eu vô...todo os ano...  (...)  E: Rezou o mês de maio esse ano?  M56: Rezei...  E: Todinho?  M56: Todim...  (...)  E: Tá bom! Aí essa santa... quem é? Essa tão bonita eu não conheço essa santa não...  M56: Qual?  E: ((apontando)) Essa ...essa aqui... essa...  M56: Ô rapais... Santa Clara?!  E: ((fazendo-se admirado)) E essa é Santa Clara?  M56: Num é bunita ela?...  (...)  E: Você é católica... é... Joana?  M50:Graças a Deus sô... |

Fonte: Souza, Mendes e Fonseca (2011, p.23).

No trecho, podemos identificar uma identidade religiosa cristã de um povo devoto às imagens e que praticam o catolicismo. Os traços referentes a essa identidade são mostrados no discurso desses sujeitos, em alguns momentos desse diálogo. O primeiro momento que é expressa essa fé nas imagens católicas ocorre quando o entrevistador pergunta à senhora de onde ela trouxe determinado artigo religioso. A partir desse momento, a senhora mostra o quanto sua identidade religiosa é forte, pois afirma que o artigo foi adquirido na cidade de Juazeiro, no estado do Ceará - CE aonde ela e outras pessoas da comunidade se deslocam todos os anos para fazerem suas preces ao Santo Padre Cícero. Em seguida, ela afirma ir para outro lugar que é a cidade de Canindé, também no CE lugar de outra imagem católica, no caso, São Francisco.

Dessa forma, nesse início de discurso a senhora informa duas cidades longe de Portalegre – RN. Assim, ao afirmar que vão todos os anos nos informa o quanto o seu meio social e a sua rotina são influenciadas por sua identidade religiosa, pois estes sujeitos não se conformam em comprar apenas uma imagem de cada santo e fazerem suas orações em casa, mas que tem para eles essa cidade sagrada e acreditam que o fato de irem lá terão as suas preces atendidas com mais facilidade.

Outo momento do diálogo, expresso no exemplo acima, é o momento em que a senhora é questionada se rezou o mês de maio, período em que todos os dias têm celebrações a santa católica Maria. A afirmação que rezou todo mês apresenta mais um traço de o quanto são religiosos, pois a comunidade em que moram fica a quatro quilômetros da cidade e, mesmo assim, veio a todas as novenas do mês mariano.

A entrevista segue com elogios a imagem de Santa Clara, também, do catolicismo. Por fim, quando o entrevistado se direciona a outra senhora e pergunta se ela é católica, ela afirma “graças a Deus”. Assim, temos uma reafirmação forte de sua identidade católica, pois ao afirmar “Graças a Deus” ela sente uma satisfação muito grande em servir a essa religião, como uma grande sorte e até um favor não merecido para ela da parte de Deus o fato dela ser católica.

A identidade desses sujeitos também é interpelada pelo sincretismo religioso existente dentro do catolicismo.

Vejamos o exemplo em que essa identidade se manifesta.

|  |
| --- |
| M63: diz que... os pai de santo... né? ... manda benzê... mas eu acho que só vino uns ameiricano mermo... não? ... é puique a minina... e arrupia o cabelo se o sĩô tivê o coipo aberto... que o povo diz que essa minina tĩa. |

Fonte: Souza, Mendes e Fonseca (2011, p.75).

A identidade de sincretismo religioso se dá pela citação do referente “os pai de santo” e da predicação “manda benzê”. Esses enunciados são de práticas religiosas distintas, uma vez que “pai de santo” é uma autoridade da prática religião do candomblé e “benzer” é praticado pelo catolicismo. Desse modo, mesmo depois de mais de cem anos que os descendentes desses sujeitos foram trazidos da África com escravos para o Brasil, percebemos, nos discursos desse sujeito, traços de religiões afrodescendentes na constituição das formas de crenças dos remanescentes quilombolas de Portalegre do Brasil, mostrando que esse período escravocrata fez surgir um povo com suas crenças é fé esfaceladas e que, hoje, a sua identidade religiosa são essas misturas de crenças fé.

No trecho seguinte, percebemos mais sobre essa identidade religiosa de intermeio entre o catolicismo e o candomblé.

|  |
| --- |
| E: E a história do São Gonçalo... dona Alaíde... a senhora sabe dizer alguma coisa?  M81: O queu sei dizê dessa dança de São Gonçalo... é que os negro inscravo... os mais véi... a festejá a libeidade |

Fonte: Souza, Mendes e Fonseca (2011, p.68).

Podemos verificar que, quando questionada pelo entrevistador “E a história do São Gonçalo... dona Alaíde... a senhora sabe dizer alguma coisa?”, a senhora faz uma construção textual em que expõe expressões de sincretismo religioso e semelhanças da dança de São Gonçalo com rituais de religiões afrodescendentes.

Nesta perspectiva, por meio do sincretismo religioso, os remanescentes quilombolas praticam uma dança afrodescendente chamada, por eles, dança de São Gonçalo. Na construção textual, verificamos essa mulher fazendo a seguinte afirmação: “os negros inscravo”. Nesta expressão, ela mistura a religiosidade e uma manifestação cultural que teve sua origem com os escravos. Dessa forma, entendemos uma manifestação da identidade da religião católica, mas ao nos direcionarmos ao contexto, sabemos que o catolicismo é uma religião rica em sincretismo religioso. Assim, o fato dos negros escravos terem fundado e adaptado essa dança, nos faz interpretar que, na verdade, a dança de São Gonçalo, é uma manifestação da identidade da religião afrodescendente do candomblé, inserida no catolicismo com o intuito de não ser hostilizada ou perseguida pela religião católica no período da colonização.

Segundo Sanches e Martins (1999, *on-line*), “as características atribuídas a esse santo popular aproximam-se bastante das exercidas pelos Exús do candomblé”. Com os autores, compreendemos que a dança atribuída a São Gonçalo pelos remanescentes quilombolas teve sua origem nas danças trazidas pelos negros escravos africanos. Provavelmente, os remanescentes quilombolas de Portalegre/RN que, hoje, não tenham mais o objetivo original vindo do candomblé, fazendo louvores apenas ao santo católico e deixando a verdadeira origem dessa identidade religiosa afrodescendente apenas na história.

Assim, findamos nossas análises em relação a traços da identidade religiosa destes sujeitos. A seguir, apresentamos como o mito influencia na construção da identidade dos remanescentes quilombolas.

3.2 IDENTIDADE DOS SUJEITOS ENQUANTO DESCENDENTES DE QUILOMBOLAS

Nesse diálogo, apresentamos quais os traços de identidade desses descendentes de escravos, especificamente, quilombolas e como eles se relacionam com o seu passado de descendentes de escravos fugidos que se refugiaram na região e surgiu essa comunidade onde até os dias de hoje prevalece.

Nesse caso, dividimos em dois trechos, um com o diálogo entre entrevistador com uma mulher de cinquenta e seis anos, e o outro entre o entrevistado e um homem de sessenta e um anos, ambos em entrevistas diferentes em momentos e lugares diferentes.

Vamos ao nosso penúltimo exemplo:

|  |
| --- |
| E: Aldízia... ali no Pega... ali no Pega... talvez você nem saiba... mas ali no Pega já teve escravo assim no tempo da escravidão? Ali o povo...  M56: Num sei dizê não...o povo as vêis me procurava e eu num sabia disso... |

Fonte: Souza, Mendes e Fonseca (2011, p.16).

Nesse primeiro diálogo, o entrevistador questiona a senhora sobre a possibilidade de no período da escravidão ter tido escravo no Pêga, que é a comunidade onde a senhora mora. A mulher afirma não saber desse fato e que o povo procura, mas ela diz não ter essas informações. No entanto, no exemplo a seguir podemos entender o porquê dessa afirmação.

Vejamos o diálogo:

|  |
| --- |
| E: Mas o senhor já ouvia contar alguma história aqui do Pega... alguma história de Trancoso... alguma história que de/ assim... a gente tenha uma indicação como foi as origens?  (...)  H61: NÃO... eu num sei contá direito NÃO... papai cunvesava sobre as coisa que nóis pasamo... né? ... ele dizia que/... eu num me alembro bẽi direito como é... (...)  mais eu inda me lembro de eu mininu vê papai dizê... agora repare queu vô li contá aqui ũa coisa muito de pé quebrado ... causo que mĩa cabeça num presta mais... e tẽi ôta ... eu digo SÓ PUR VÊ DIZÊ... num sabe? ... pois bẽi... papai dizia que...((abaixando o tom de voz)) aqui... papai dizia que aqui ... ((olhando para os lados)) bẽi, eu num sei... repare quera ele que dizia... se qué sabê mermo?...  E: Hum hum...  H61: Pois bẽi ((falando ainda mais baixo))... pois repare que dizia que aqui era uns ins-con-di-ri-jo ... mas é como eu tô li dizeno... eu num sei e pra melhó li dizê ...aqui tẽi é gente que sabe disso... mas todo mundo nega... diz que num sabe ... que nunca uviu falá ... mas tudim sabe ... é que aqui... aqui... aqui a rente num fala nisso...É... AQUI NINGUÉM FALA NISSO... causo que foi assim que nóis apredeu... né? ...a véia mĩa avó dizia que contava ... causo da rente sabê das raIZ ... mais que ninguẽi nunca divia de dizê isso a forastêro... causo que a vó dela contava que inda hoje tẽi gente procurano o povo antigo... o pavô antigo... num sabe? ... esse povo das antiguidade que vĩero tudo se inscondê aqui... eu inté peço que nóis mudemo de prosa ... causo que cê tá cum esse capturadô aí... e o que eu digo fica aprisionado... num fica? ... pois bẽi... rambora falá de ôta coisas.. coisa... mais que ... mais que... mais que... mas que os ispitro dos mortos fique im paz... né? ... causo que se a rente fô disrespeitá a vontade dos inspitro ... que já num tão aqui ... a rente num sabe o que pode inté acontecê... tá certo?... cê num fica cum raiva deu não... mas é que aqui num se fala mermo nisso... |

Fonte: Souza, Mendes e Fonseca (2011, p.46).

Com essa informação fornecida por esse sujeito, podemos entender como é tratada essa identidade de ex-escravos por esse povo. A senhora afirma não saber, mas o senhor revela que isso ocorre porque todos sabem dos acontecimentos, mas foram instruídos pelos seus antecedentes a não informarem os ocorridos a ninguém, pois ainda existe o medo de serem caçados pelos brancos. Assim, temos uma identidade silenciada, uma vez que esse povo, além de não ter prazer nesse passado sombrio, ainda sente medo de serem tomados e levados novamente como escravos.

Dessa forma, entendemos que esse povo ainda considera o fator simbólico da comunidade como um quilombo onde eles se escondem e não podem passar muitas informações para ninguém. A resposta desse senhor nos faz compreender que ainda existe um traços de identidade na personalidade desse povo de escravos, pois eles ainda acreditam que se alguma pessoa obtiver informações que naquele lugar foi um quilombo, onde escravos fugidos se refugiavam, assim, podem retornar lá e os tomarem para escravos novamente. Portanto, podemos afirmar que no íntimo da identidade desses sujeitos, eles ainda se sentem quilombolas e que estão escondidos do mundo e que sua liberdade depende deles ficarem em silêncio, para, assim, preservarem sua condição de livres.

**CONCLUSÃO**

Esse artigo teve como objetivo analisar alguns traços da identidade dos remanescentes quilombolas da cidade de Portalegre - RN. Selecionamos duas das varia identidades que emergem do *corpus* que foram a religião e a identidade quilombola.

Em relação à identidade religiosa, observamos uma expressão a religião católica muito forte que influencia na vida de forma expressiva dos quilombolas, mudando a rotina, forma de ver o mundo através da fé e com respeito às entidades cristãs católicas. Nossos dados mostram que esta identidade religiosa, nessas comunidades, é interpelada por traços da religião afro-brasileira do candomblé, uma vez que algumas práticas religiosas mostram esse sincretismo religioso entre o catolicismo e esta religião afrodescendente, possivelmente, herdada dos seus antecedentes escravos.

Em relação à identidade enquanto remanescentes quilombolas, concluímos que esses sujeitos fazem um silenciamento sobre o fato de serem descendentes de escravos, eles têm na sua essência uma identidade de quilombolas escondidos naquela comunidade, acreditam que se eles disponibilizarem muitas informações correm o risco de serem procurados pelos “brancos” e os colocarem, novamente, em regime de escravidão.

Portanto, entendemos o quanto a identidade do povo os constitui e os formam dependendo do contexto social em que vivem e também que viveram. Na religião, esses sujeitos acreditarem em uma intervenção sobrenatural para as suas dificuldades. Já em relação ao contexto que seus avós viveram ainda os influenciam e os constituem fazendo-os acreditarem que aquele período de escravidão ainda podem voltar e os oprimir na atualidade.

**REFERÊNCIAS**

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. 7 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

HALL, Stuart, **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MAZZOLA, R. B. Análise do Discurso: um campo de reformulações. IN: MILANEZ, N. SANTOS, J. de J. **Análise do Discurso:** objeto, sujeito e olhares. Coleção discursividades. São Carlos: Claraluz, 2009. E-book.

PÊCHEUX, Michel. O discurso: Estrutura ou acontecimento. Trad. Eni P. Orlandi. 3. ed. Campinas: Pontes, 2002 (original de 1983).

PÊCHEUX, Michel; FUCHS, Catherine. A propósito da análise automática do discurso: atualizações e perspectivas. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (orgs.). Por uma análise automática do discurso: Uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 3. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997, p. 163-251 (original de 1975).

SOUZA, Medianeira. MENDES, Wellington Vieira. FONSECA, Carlos Magno Viana. **A fala de remanescentes quilombolas de Portalegre do Brasil.** Mossoró: Edições UERN, 2011.

SILVA, Tomaz Tadeu. **A produção social da identidade e da diferença**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2000.

TASSO, Rossana Dutra. **Uma desordem silenciada? o sujeito e a identidade em questão** Disponível em: <<http://anaisdosead.com.br/2SEAD/SIMPOSIOS/RossanaDutraTasso.pdf>> Acesso dia: 14 nov 2015.